

Cinco questões

O jornalista Ricardo Kotscho avalia seu trabalho como assessor de imprensa e discute a profissão

1 Quais são as maiores dificuldades do assessor de imprensa de um candidato presidencial?

Minha maior dificuldade foi me adaptar à função de assessor de imprensa depois de ter trabalhado anos como repórter. Demorei a descobrir que o papel do assessor numa campanha não é escrever, mas cuidar principalmente das relações do candidato com a imprensa. Como sou velho amigo do Lula, ele brincava comigo dizendo que eu era mais “assessor da imprensa” do que “assessor de imprensa”. Depois de trabalhar durante dois anos como secretário de imprensa da Presidência da República, perguntei a ele se eu havia mais ajudado ou mais atrapalhado o governo. Ele riu e até hoje não me respondeu. Desconfio que realmente não tenho muita vocação para assessor de imprensa.

2 Durante seus 40 anos de profissão, qual foi o segredo para não deixar suas preferências políticas e partidárias influenciarem suas reportagens?

Sempre consegui separar muito bem as coisas – tanto é que, após cada campanha, recebia convites para voltar às redações. O segredo é muito simples: ou você é assessor ou é repórter, uma coisa de cada vez. O que denigre a nossa profissão não é o jornalista deixar uma redação para trabalhar como assessor em campanha política ou numa empresa privada, desde que torne pública sua opção. É o jornalista que, sem deixar a redação, passa a se utilizar de seu espaço no veículo para defender um partido ou candidato e atacar outros. Está cheio desses maus exemplos por aí.

3 Quais são os alicerces para uma boa comunicação entre o presidente de um país e seu povo?

Se eu soubesse a receita, certamente teria feito um trabalho melhor quando tive a oportunidade no Palácio do Planalto. Claro que não dá para ficar 12 horas por dia atendendo a imprensa, mas um presidente que, além de tudo, é bom comunicador, deveria reservar algumas horas por semana para conversar com jornalistas, pois eles são a ponte entre o poder e a sociedade. A melhor lição que aprendi nesse cargo foi a necessidade de o as-

“Um presidente deveria reservar algumas horas por semana para conversar com jornalistas, pois eles são a ponte entre o poder e a sociedade.”

essor trabalhar sempre em duas vias: divulgar as ações do presidente e do governo e, ao mesmo tempo, abastecê-los com informações recolhidas junto aos colegas jornalistas.

4 Em seu livro *Do Golpe ao Planalto*, o senhor revela o “incômodo” com os jornalistas brasileiros, movidos durante muito tempo pela “pauta fixa” de coletar gafes do presidente Lula. Esse é realmente um problema grave?

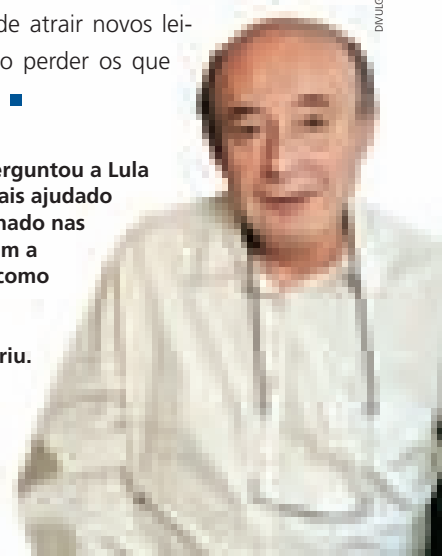
Antes mesmo de trabalhar no governo e de me aborrecer com o comportamento de alguns colequinhas, eu já

dizia que a nossa imprensa, de uma forma geral, “tem Brasília demais e Brasil de menos” no seu noticiário. Fica todo mundo batendo cabeça em busca de uma migalha de “informações de bastidores”, esquecendo a vida real, onde as coisas acontecem. Centrando sua cobertura em gabinetes do poder, fazendo matérias por telefone ou pela internet, nossos jornais ficaram todos muito parecidos e sem acrescentar quase nada além do que o leitor já sabia, informado na véspera pelo noticiário on-line e pelos telejornais.

5 O senhor já afirmou que *Do Golpe ao Planalto* é uma declaração de amor ao jornalismo. O que mais o encanta e mais o desanima na profissão?

O que mais me encanta é fazer reportagens, descobrir histórias, personagens, lugares que estão fora da mídia. E o que mais me desanima é que tem pouca gente disposta a investir tempo, espaço e recursos em boas reportagens. Depois reclamam que a circulação está caindo. Os jornais e as revistas de papel não vão acabar, assim como a televisão não acabou com o teatro e o cinema, mas é preciso repensá-los, achar uma nova forma de atrair novos leitores e não perder os que sobraram. ■

Kotscho perguntou a Lula se havia mais ajudado ou atrapalhado nas relações com a imprensa; como resposta, o presidente apenas sorriu.



DIVULGAÇÃO